

Calvino, Italo. *Coleção de areia*. 1. ed. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 228 p..

A obra de Italo Calvino (1923-1985) vem sendo traduzida para vários idiomas devido a sua aclamada recepção e aos diversos interesses da crítica literária. Ressalta-se, entretanto, que, no Brasil, a tradução de seus volumes ensaísticos foi mais tardia, consolidando-se somente durante a década de 1990 com os livros póstumos *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas* (1990) e *Por que ler os clássicos* (1993). Após um longo intervalo, encontramos recentemente mais dois exemplares ensaísticos de Calvino traduzidos e publicados pela Companhia das Letras: *Assunto encerrado: discursos sobre literatura e sociedade* (2009) e *Coleção de areia* (2010).

Coleção de areia (*Collezione di Sabbia*) foi lançado em 1984 pela editora *Garzanti*, sendo o primeiro volume de Calvino não publicado pela editora *Einaudi*, que na época passava por uma grave crise financeira. Nesse contexto, Calvino escreve a Piero Gelli, então diretor editorial da *Garzanti*, sobre a possibilidade de reunir, em livro, seus artigos publicados no diário *La Repubblica* entre os anos de 1980 a 1984. Dizendo que a temática de seu livro poderia ser a das “exposições insólitas”, Calvino afirma que parte dele seria “como um catálogo de exposições (sobre autômatos, sobre epígrafes romanas, sobre países imaginários etc.)”, mas também contemplaria as “coisas vistas” (escavações arqueológicas, a Coluna de Trajano) de modo que o elemento ‘visivo’ (de documento cultural mais que artístico) permanecesse dominante”.¹

¹ No original: “come cataloghi d’esposizione (sugli automi, sulle epigrafi romane, sui paesi immaginari etc.) - e altri su ‘cose viste’ (scavi archeologici, la Colonna Traiana) di modo che l’elemento ‘visivo’ (di documento culturale più che artistico) resti dominante.” In: CALVINO, Italo. *Lettere*. Milano: Arnoldo Mondadori, 2000. p. 1517.

É sob essa perspectiva e para abarcar suas inúmeras impressões que Calvino organiza *Coleção de areia* em quatro partes – *Exposições Explorações*; *O raio do olhar*; *Relatos do fantástico* e *A forma do tempo* -, cada uma delas apresentando um conjunto de curtos e envolventes ensaios que tratam das observações e contemplações do escritor frente às mais diversas formas e variedades de expressão encontradas no mundo. Os ensaios presentes nas partes 1, 2 e 3 contemplam a proposta apresentada à *Garzanti*, tendo sido publicados no diário *La Repubblica* (exceto os relatos “Coleção de areia”, “Como era novo o Novo Mundo” e “A enciclopédia de um visionário”). Já a parte 4, *A forma do tempo*, reúne relatos de Calvino oriundos de visitas ao Japão, México e Irã, alguns anteriormente publicados no jornal *Corriere della Sera* e outros até então inéditos.

Os textos de *Coleção de areia*, apesar de ensaísticos, têm forte carga narrativa, permitindo reflexões tanto filosóficas quanto poéticas ao “contar uma história por meio de um desfile de objetos: antigos mapas-múndi, manequins de cera, tabuletas de argila com escritas cuneiformes, gravuras populares, vestígios de culturas tribais”.² É, portanto, narrando a partir da contemplação desses objetos que Calvino organiza *Exposições Explorações*. Ao visitar exposições, muitas durante o período em que morou em Paris, o escritor italiano se mune de um olhar que observa aspectos marginais, os quais, geralmente, não atraem o olhar dos críticos de arte. É sob esse ponto de vista que o ensaio que dá título ao livro se apresenta como um exercício de contemplação de objetos que, num primeiro momento, devido a sua funcionalidade, podem ser esvaziados de sentido, cabendo ao expectador ressignificá-los.

² CALVINO, Italo. *Coleção de areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 7. As próximas citações referentes à obra *Coleção de areia* virão acompanhadas somente pelo número da página.

Estando numa exposição de coleções de objetos estranhos, Calvino se surpreende com a vitrine da coleção de areia, “a mais misteriosa, a que parecia ter mais coisas a dizer, mesmo através do opaco silêncio aprisionado no vidro das ampolas” (p. 11). A areia guarda muitas memórias: memórias do seu lugar de origem e do que foi vivido pelo colecionador. Nesse sentido, Calvino compara a coleção ao diário: “diário de viagens, claro, mas também diário de sentimentos, de estados de ânimo, de humores”, já que é guardando lembranças que se faz possível “transformar o escorrer da própria existência numa série de objetos salvos da dispersão” (p. 13).

Calvino, ainda na primeira parte do livro, observa imagens relacionadas ao ideal que os europeus faziam da América após as viagens de explorações por novos mundos, ressaltando o quanto o nosso olhar está habituado a ver somente aquilo que se impõe a ele, de modo que “talvez um Novo Mundo se abra aos nossos olhos todos os dias e não o vejamos” (p. 18). Entre os ensaios de *Exposições Explorações* evidencia-se também “O museu dos monstros de cera”, no qual a deformidade da doença, o corpo nu e a operação cirúrgica são representados nos bonecos de cera. Além disso, Calvino relata suas impressões metalinguísticas ao refletir sobre as formas de comunicação “Antes do alfabeto”, analisando não somente o nascimento da escrita como também outras formas de escrita: “Digam com os nós”.

Na segunda parte de *Coleção de areia – O raio do olhar* – nota-se, como afirmou o próprio Calvino em carta a Piero Gelli, uma ênfase maior ao elemento visivo (as coisas vistas). É nesse sentido que Calvino lê e busca significações nos baixos-relevos da coluna de Trajano, epopeia de pedra. Ou então, reflete sobre as epígrafes e os grafites das cidades, as quais, a seu ver, são cidades escritas. Por isso, as cidades estariam sempre transmitindo mensagens, para Calvino, de forma violenta e agressiva,

pois não ofereceriam possibilidade de escape. Tal condição só seria diversa em regimes totalitários, nos quais a escrita de protesto dá voz a pessoas que foram silenciadas.

O escritor italiano também reflete sobre a relação entre a imagem e o eu ao confrontar a sua leitura da obra *A câmara clara*, de Roland Barthes, e a violenta morte do crítico francês, pois se a experiência da fotografia é a de tornar o rosto objeto, a morte de Barthes por atropelamento o deixou desfigurado, de modo que a imagem de seu rosto estaria fixada para sempre como a própria estagnação da fotografia. Calvino escreve, assim, uma homenagem, preservando as ideias barthesianas e aclamando seus livros, os quais fazem ressoar eternamente uma voz fatalmente apagada.

Levando em consideração alguns ensaios expostos aqui, podemos afirmar, apropriando-nos das palavras que Calvino usa em “A redenção dos objetos”, sobre a autobiografia de Mario Praz, que *Coleção de areia* não é “uma narrativa ordenada numa sucessão cronológica de acontecimentos, mas um acúmulo de motivos, ocasiões e solicitações, ou melhor, o catálogo das razões que deram suporte e forma à sua vida” (p. 119). É nesse sentido que podemos observar uma tímida autobiografia nessa obra, que revelaria tanto o posicionamento de Calvino enquanto crítico, quanto a sua postura heterogênea e interessada em diversos assuntos.

Entre os temas que sempre inspiraram a composição literária do escritor italiano podemos destacar a presença do elemento fantástico presente em obras como *O cavaleiro inexistente* e *O visconde partido ao meio*. No entanto, além de exercitar criativamente a composição fantástica, Calvino também discorre sobre tal assunto na terceira parte de *Coleção de areia – Relatos do fantástico*. Nessa parte, composta por cinco ensaios, o escritor trata de três autômatos, construídos no século XVIII por três relojoeiros, num ensaio intitulado “As aventuras de três relojoeiros e de três autômatos”. Calvino também irá descrever “A geografia das fadas”, bem como o relacionamento que

elas mantêm com os seres humanos. Dentro desse universo mítico, reserva-se um capítulo para a descrição dos lugares imaginários, especificamente relatados no *Dicionário de lugares imaginários*, de Alberto Manguel e Gianni Guadalupi. Ressalta-se também que tal tema é excessivamente trabalhado em *As cidades invisíveis*. Para os países imaginários foram fabricados selos imaginários por Donald Evans, de modo que Calvino relatará sobre isso em “Os selos dos estados de ânimo”. Por fim, para finalizar esses seus *Relatos fantásticos*, o escritor italiano refletirá sobre a peculiaridade da língua de Luigi Serafini que, embora claríssima e legível, sempre “nos escapa em cada palavra e cada letra” (p. 155).

Completando o volume desses relatos de impressões, *A forma do tempo* compila textos escritos a partir de visitas feitas por Calvino ao Japão, ao México e ao Irã. Em culturas muito diferentes das ocidentais, o escritor reconhece que atribui valor próprio para tudo o que vê, de modo a evitar uma visão estereotipada. Por isso, considera importante viajar para reativar o uso dos olhos e não cair em determinações genéricas por não conseguir enxergar o novo. Nesse sentido, ver, para Calvino, “quer dizer perceber diferenças, e, tão logo as diferenças se uniformizam no cotidiano previsível, o olhar passa a escorrer numa superfície lisa e sem ranhuras” (p. 166).

Tomando nota sobre tudo que observa, Calvino refletirá sobre o ritual de despedidas nos metrô japoneses; descreverá a composição da paisagem japonesa, muitas vezes, comparando os jardins aos poemas, pois também as poesias são feitas de folhas, cores e luz; observará como a cultura oriental tem sido invadida pela cultura ocidental – pelas manifestações de máquinas modernas como os fliperamas. O escritor italiano também destacará as ruínas astecas no México e a relação entre a vegetação, as ruínas e a linguagem; e, por fim, sobre o Irã, Calvino observará a presença do vazio, do nada, da ausência e do silêncio no Mihrab; a conservação incessante do fogo no templo

zoroastriano e a sapiência dos nômades que carregam todos os seus pertences consigo, acompanhando o ciclo das estações.

Coleção de areia é, portanto, um livro composto por impressões de viagens e por reflexões feitas a partir de temas insólitos, aliando considerações sobre a vida e sobre a morte, bem como buscando exprimir sensações que muitas vezes são inefáveis. Percebemos durante a leitura destes ensaios a caminhada de Calvino, seus momentos de espera, os desvios no percurso do grupo turístico que acompanha e, sobretudo, os detalhes em que esbarra e narra por acaso.

Bruna Fontes Ferraz

UFMG/CAPES